

Do santo ao artista, a heresia de Joyce

Guillermo Adrián López

O santo ou a santidade pode ser considerado desde dois pontos de vista: o ético (ou moral) e o religioso. Para Kant, a essência do homem e do ato moral, é a vontade de respeitar a soberania da razão e de tender para a santidade, já que somente desse modo se contribui para a harmonia universal. Concebe a santidade como a perfeição absoluta da virtude, como a vontade moral mais perfeita. Ideal moral irrealizável, mas que a cristandade em português tende a um dever ser, que junto à liberdade, à imortalidade da alma e à existência de Deus, são os postulados da razão prática que fazem possível a vida moral.

Na filosofia, a santidade estava vinculada à ascese como ideal, a paixão era aquilo que deveria ser eliminado para que o filósofo se realizasse pela via do saber. O homem santo/sábio era aquele que mantinha seus afetos em sua justa medida¹. Com o auge do cristianismo, na mística, alcança a máxima expressão o santo, já não vinculado ao saber ou à engenharia a respeito da paixão, mas sim ao santo ligado ao lugar de mártir. Já não se trata de manter as paixões à distância senão de experimentá-las e de considerar essa experiência como o mais excelso: a paixão de Cristo era o modelo.

O santo na cristandade não se ajusta a uma lei moral universal, mas sim tenta realizar um caminho único e singular. Não se autoriza por fazer o bem senão por ficar à margem dos valores de uma época e em um lugar de excepcionalidade frente ao qual a igreja muitas vezes fica

em dúvida entre excomungá-lo, tirá-lo da comunidade ou santificá-lo. De todo modo, a maioria das vezes o santo é canonizado, isto é, nomeado como tal pela igreja *post-mortem*, rara vez em vida.

O santo se caracteriza por ter um traço de desapego com relação a todos os valores de gozo presentes na sociedade do seu tempo. É interessante como nessa direção Chesterton propõe a posição do santo, referência de leitura de Lacan:

O santo é remédio porque é antídoto. Por isso o santo é mártir com frequência, equivocadamente é considerado veneno porque é antídoto. Geralmente encontra-se devolvendo a saúde ao mundo pelo movimento de exagerar o que o mundo despreza, e que não é sempre o mesmo elemento em todas as épocas².

Daí os paradoxos da história que fazem com que em cada momento se converta em santo, em uma figura absolutamente contrária aos valores de sua época. É o caso de São Francisco de Assis, que para a sociedade europeia do século XIX satisfeita com o comércio e as ideais liberais, encontra em um missionário a figura que mais desprezavam: a de um mendigo italiano.

Desde um mesmo ponto de vista, Jesus, no Sermão da montanha, não promove que seus apóstolos sejam pessoas excelentes, senão excepcionais, assim comparando em uma metáfora o santo com o sal da terra: "se o sal se desvirtua com que se salgará? Já não serve para nada mais que para ser jogado fora e pisado pelos homens³".

Nesta parábola do Novo Testamento é interessante o uso que se faz do sal, que na Antiguidade tinha valores ideais, pois era um elemento imprescindível de purificação e conservação do perecível. Mas, sem se deter, destaca-se o que está por trás e dá verdadeiro significado ao lugar de Santo, "o que não serve para nada", o que se joga fora, o desperdício.

Em *Televisão*, parte III, Lacan vincula o santo com a miséria do mundo, apontando que os trabalhadores da saúde mental, sustentados no discurso do mestre, carregam no ombro essa miséria. Propõe o santo como a posição que deve assumir o analista: "passemos ao psicanalista... é que não se pode situá-lo melhor, senão pelo que antigamente se chamava de ser santo⁴". Lacan define o santo como o rebotalho (*rebut*) do gozo⁵.

Aqui o significado de *rebut*, termo que Lacan utiliza, pode traduzir-se como escoria, lixo, fezes, sucata. Lacan afirma que um santo não pratica a caridade e pelo contrário, se põe a perder, se faz resíduo. Utiliza um neologismo, diz o santo *descarida*: condensação entre dejetos e caridade. Com isso afirma que o santo não se define por fazer caridade, promover valores altruístas de amor e solidariedade, mas sim se oferece como resto e, assim, permite ao sujeito do inconsciente tomá-lo como causa de seu desejo.

Em *A salvação pelos dejetos*⁶ Miller se pergunta pelo dejetos, interrogando: o que é rejeitado como consequência de uma operação da qual não se retém senão o ouro, a substância preciosa, que ela aporta. Destaca, então, que o dejetos é o que cai, o que se desprende ou negativiza, daquilo que por outro lado se eleva, do lado do ideal que resplandece.

Miller indica que, no século XX, a invenção da psicanálise nos fez perceber que a humanidade até este momento se viu forçada a escolher o caminho da salvação pelos ideais. Com Freud surge um novo modo de salvação, a salvação pelos dejetos.

O santo homem

Na conferência *Joyce, O Sintoma* de junho de 75, prévia ao Seminário XXIII, Lacan menciona que Joyce O Sinthoma produz homofonia com a santidade, fazendo alusão ao que

tinha proposto alguns anos antes em Televisão. Ainda que considere que nunca estará à altura do jogo equívoco que Joyce realiza com a linguagem em *Finnegans Wake*, Lacan produz já no curso do Seminário XXIII, um jogo homofônico entre *sinthome*, *saint homme* (homem santo) e *sinthome madaquin* (ou *sinthomadaquin*) em alusão a São Tomás de Aquino. Diz:

Pela instância da letra tal como esboçada até agora - e não esperem nada melhor, pois o que será mais eficaz não fará nada melhor do que descolar o *sinthoma* ou mesmo, como já o disse, multiplicá-lo -, pela instância presente, há o *sinthoma masdiaquino* que escrevo como quiserem⁷.

Joyce está muito influenciado pela temática da santidade, sabemos que teve uma formação jesuítica. De fato, prefere se definir a si mesmo como jesuíta a chamar-se de católico⁸. Sua formação educativa transcorreu em dois colégios administrados por esse grupo religioso, Clongowes Wood e Belvedere. Durante sua juventude escolheu como protetor São Luiz Gonzaga, patrono dos jovens⁹. Recebe em sua formação a influência de São Tomás de Aquino, a quem chega a designar como talvez o intelecto mais agudo e lúcido da humanidade.

O jogo de palavras durante o Seminário continua, mas já não como jogo homofônico, há certa descontinuidade entre *sinthomadaquin-sint home rule*¹⁰ e por outro *sinthome roule*¹¹. Há um salto entre um e outro, que implica uma escolha, como Lacan destaca, escolha que Joyce produz como um herege. Lacan joga novamente com a consonância entre *heresie* (heresia) e com a raiz grega da palavra escolha, *hairesis*. Mas há que destacar o sentido religioso deste termo, sendo um herege, aquele que sustenta ideias ou teorias contraditórias ao dogma da Igreja.

Miller esclarece em *Nota passo a passo* que a escolha que promove Lacan no seminário *O Sinthoma* é por um lado

entre o regime da norma, regrado do *sinthoma*, cuja lei de formação é oN, do lado do *sinthoma masdaquino* que é o *sinthoma* ortodoxo e, por outro lado, *sinthome qui roule* (*sinthoma que rola*). O *sinthoma que rola* é o *sinthoma* herético, desnudado em sua estrutura e em seu Real. Joyce, assinala Lacan, como todo herege escolhe seu caminho singular para alcançar a verdade, e o faz à boa maneira. Fazê-lo "à boa maneira" ser a via na qual, reconhecendo a natureza de seu *Sinthoma*, não se priva de usar isso logicamente, isto é, de usar isso até alcançar seu Real, até se fartar¹².

Mas Lacan é tão herege quanto Joyce à altura do Seminário RSI - há uma homofonia entre *hérésie* (heresia) e *erre-esse-ie* (RSI) -, já que critica fortemente a Freud por somar a seus três¹³ (os de Lacan) um quarto toro, que amarra aos outros três, o Nome-do-Pai, que é idêntico à realidade psíquica. Lacan ironiza chamando a esta necessidade do Pai como "o quarto" em Freud, como uma bobagem religiosa. Diz Lacan:

(...) o que Freud instaura com seu Nome-do-Pai idêntico à realidade psíquica (...) especialmente à realidade religiosa - pois é exatamente o mesmo - que é assim, por esta função de sonho, que Freud instaura o laço do Simbólico, do Imaginário e do Real¹⁴.

Lacan chega a propor à altura deste Seminário, o XXII, um nó borromeano de três elos, chegando a sugerir que uma psicanálise teria por fim a redução de um nó de quatro a um nó de três elos, transformando um analisante freudiano, religioso crente no pai, em um herege, em alguém que prescindido do Nome-do-Pai e escolhe seu próprio caminho para encontrar a verdade sobre seu gozo.

Lacan se desdiz, ainda que não de todo, no Seminário XXIII, porque finalmente mantém o quarto elo, proclamando-se herdeiro de Freud, mas prescindindo do Nome-do-Pai. Já

não será o Nome-do-Pai seu quarto elo, mas sim o Sinthoma. Para poder dar esse passo necessita da heresia de Joyce.

Do santo ao artista, a heresia de Joyce

*O retrato do artista adolescente*¹⁵ é o testemunho dessa escolha ou heresia joyciana. Se concebemos Stephen Dedalus, personagem central da novela, como o alter-ego de Joyce, podemos desentranhar essa heresia, que aqui proponho como a passagem do santo ao artista.

Já o nome que Joyce escolhe para designar este personagem, Stephen Dedalus, coloca em jogo algo dessa escolha entre a santidade e a invenção artística. Stephen, (de origem grega, Stéphanos) em castelhano Esteban, foi o primeiro santo da cristandade, foi um judeu que se converteu ao cristianismo, foi rechaçado pelos escribas, detido, julgado por sua fé e morreu apedrejado. Foi canonizado como santo por seguir o caminho de Jesus, adotar uma posição de mártir aceitando qualquer tipo de sofrimento, inclusive a morte como signo de seu amor e fé em Deus.

Dedalus, variação de *daedalus*, em castelhano Dédalo, na mitologia grega era um artista multifacetado: arquiteto, escultor e inventor. Joyce inicia a novela com uma citação de uma frase da *Metamorfose de Ovidio*¹⁶, que justamente faz alusão ao momento em que Dedalo fabrica asas para escapar com seu filho Ícaro do Labirinto de Creta, onde havia sido preso pelo rei Minos.

Durante sua infância e até o começo da sua adolescência Stephen pôde manter-se na rotina que lhe oferece o Outro da tradição jesuítica como um modo de suportar a carência paterna, o que o pai não lhe transmitiu.

O retrato de um artista... é testemunho de uma metamorfose, ou melhor, um despertar ao Real, tal como

propôs Lacan no *Prefácio a O despertar da primavera*. O despertar põe em jogo uma escolha para Joyce entre a via religiosa, salvar-se pela via do Ideal, os SI propostos por um pai (a pátria ou a igreja), via esta que rechaça ou seguir a via da salvação pelos dejetos. Joyce desperta do sonho religioso, do tratamento dos furos do corpo pela via do martírio e da penitência. Podemos pensar esse despertar como a desamarração mesma, do sonho amarrado do Real, do Simbólico e do Imaginário.

Há que relembrar que Lacan toma a relação de Joyce com seu corpo para propor o que chama lapso ou erro do nó borromeano RSI. Lacan se serve do testemunho das experiências vividas pelo jovem Dedalus para pensar a relação de Joyce com seu corpo. Localizando ali a desamarração do Imaginário da cadeia, restando o Real e o Simbólico interpenetrados. Utilizando como exemplo a cena da surra dada no jovem por alguns dos seus companheiros:

Enquanto as cenas desse malvado episódio passavam ainda agudamente e às pressas diante do seu espírito, perguntava a si mesmo por que não continuava com ódio, agora, desses que o haviam atormentado... mas recordar isso não lhe causava mais nenhuma raiva. Todas as descrições de amor feroz e de ódio que tinha encontrado nos livros pareciam-lhe doravante inventadas... tinha sentido que certa força o houvera despojado dessa súbita onda de raiva tão facilmente como um fruto é despojado de sua mole casca madura¹⁷.

Lacan se surpreende com a ausência de afetos em Stephen como consequência dos golpes e da metáfora que utiliza do desprendimento do corpo como uma casca; é aí onde Lacan localiza a desamarração do nó imaginário. Em Joyce a relação com o corpo não passa pela imagem, não há uma relação narcisista com a imagem, pela via do estádio do espelho. Em seu caso, trata-se de uma relação direta com a falta de imagem ou com o que faz furo no corpo.

Seguindo esta via que propõe Lacan, que é a via do corpo, interessa destacar o tratamento que o jovem dá aos furos do corpo pela via religiosa da proibição, do castigo e da penitência. Segundo o testemunho da novela, eram comuns os castigos corporais como modo de disciplinamento nos dois colégios pelos quais passou Joyce. São relatadas duas cenas além da escolhida por Lacan em que os jovens são castigados pelas suas faltas, neste caso pelos padres professores. Uma delas é vivida pelo próprio Stephen como vítima. O castigo corporal aparece ligado desde o princípio da novela à sexualidade. É a partir da descoberta pelos sacerdotes de uma cena sexual entre dois rapazes que começa a surgir o castigo físico como uma penalização, que leva o próprio Stephen à incerteza, e porque não, à perplexidade.

Ao escutar um diálogo do grupo de jovens:

Foram flagrados tocando-se... na latrina uma noite... - Três dias de silêncio no refeitório e que nos condenem a seis e oito (palmadas) a cada minuto... surgem as perguntas de Stephen: O que queria dizer tocar-se na latrina? Por que os cinco companheiros da divisão superior escaparam disso? Era uma brincadeira, pensou,... porque na latrina? Alguém ia ali quando tinha vontade de fazer algo... talvez fosse por isso que estavam ali porque era o lugar onde alguns companheiros escreviam coisas por decepção. Mas... não era uma decepção porque haviam escapado... e começou a sentir medo¹⁸.

A pergunta pela relação sexual que não há, parece deixar a Stephen sem respostas possíveis. Ao mesmo tempo o olhar e a voz mexem com o seu corpo e o invadem.

Sobre a voz, diz:

ouvia à sua volta as vozes constantes de seu pai e de seus mestres, concitando-o a ser um cavalheiro... concitando-o a ser, acima de tudo, um católico. Verdade era que essas vozes soavam falso, agora, em seus ouvidos... E era o clamor de todas essas vozes soando falso que o fizera parar irresolutamente na perseguição de fantasmas. Dera ouvidos a tais vozes apenas

por pouco tempo e, no entanto, só era feliz quando estava longe delas¹⁹.

Sobre o olhar diz:

Embora os seus olhos estivessem muito apertados, via os sítios onde tinha pecado, e, embora os seus ouvidos estivessem cobertos de todo, escutava. Desejava com todo seu querer não ouvir nem ver. Desejava até que o seu ânimo vibrasse sob a tensão do seu desejo e que mesmo os sentidos de sua alma se fechassem. Eles se fecharam por um instante e depois se abriram. E, então, viu. Aquele era o seu inferno. Deus lhe tinha permitido ver o inferno reservado para os seus pecados (...) ²⁰.

O jovem tenta defender-se do gozo que o invade através dos furos do corpo pela via da disciplina rigorosa que recorda o ascetismo de alguns santos. Para mortificar o olhar, se propunha como norma de conduta caminhar pela rua com os olhos para baixo, não olhar nem para a direita nem para a esquerda, nem para trás, evitando conectar com os olhos de uma mulher. Ao ler frustrava o olhar mediante um esforço voluntário, desviava o olhar no meio de uma frase já começada, fechando o livro. Sacrificava a voz, não cantando nem assoviando e não podia fazer nada para fugir do barulho que lhe irritavam os nervos²¹.

Esta irrupção de gozo do corpo vivida de um modo persecutório se acrescenta depois de sua iniciação sexual com uma prostituta, isto o leva a uma verdadeira comoção subjetiva, frente à qual empreende um delírio religioso. Somente poderá sair de uma vida de pecado mediante a renúncia e a confissão, mas essa tentativa de solução falha.

A confissão que realiza em uma igreja, a sua comunidade jesuítica, produz certo efeito de pacificação momentâneo. Depois disso é convocado pelo reitor de sua Escola para que empreenda o caminho do sacerdócio.

Como Joyce-Stephen desperta do sonho religioso? Uma série de epifanias o despertam, tal como ele as define: súbitas manifestações espirituais da alocação ou do gesto, que experimenta depois de ser convocado a ser sacerdote.

Mas esse chamado religioso não lhe tocou no vivo, através dele poderia conhecer e saber os pecados dos outros, os pensamentos, as coisas obscuras, sustentado na mentira de uma ordem que o manteria na imunidade e na pureza. Diante disso sentiu outro chamado, ele estava destinado a aprender a sabedoria dos outros "errando entre as trapaças do mundo". Esse chamado ao artista como tal, não carecerá de um conteúdo messiânico tal como o qualifica Lacan no Seminário. Nas palavras do Jovem Dedalus:

Ouviu uma confusa música dentro de si, como que de memórias e de nomes dos quais tinha uma noção, mas que não podia reter sequer por um instante (...) uma voz, detrás do mundo, estava chamando. - Alô, Stephanos! - Aí vem o Dedalus!²²

Como nunca antes, o seu nome estranho lhe parecia uma profecia. Agora (...) lhe parecia o ruído de sombrias vagas e ver uma forma alada voando por sobre as ondas e vagarosamente escalando o ar. Que significava isso? Seria uma estranha divisa do frontispício dum livro medieval de profecias e de símbolos...? Uma profecia do fim para o qual havia nascido para servir e que andara a procurar por entre os nevoeiros da infância e da puerícia? Um símbolo do artista forjando de novo na sua oficina com matéria dúctil da terra um novo ser alado, impalpável e imperecível?²³

O texto explicita de um modo esclarecedor a epifania, e com ela o chamado que recebe, através de seu nome que ganha nova vida, enlaçando ao destino de Dédalo, o de criar através da escrita, uma coisa *viva, nova e aprimorada, e bela impalpável, permanente.*

Para concluir, Joyce não é um santo

Esta afirmação é de Lacan, que a propõe em *Joyce, o Sinthoma II*:

Joyce, o Sintoma (symptôme), por seu artifício, leva as coisas a um ponto em que nos perguntamos se ele não é um Santo, o santo homem (saint homme) até não ter mais p²⁴. Graças a Deus, pois é a ele que devemos, isto é, a esse querer que nele supomos (por sabermos no íntimo que ele não ex-siste), Joyce não é um santo. Ele joyza demais com o S.K.belo para isso, tem de sua arte orgulharte art-gueil para dar e vender²⁵.

O santo que percorremos aqui não se faz um nome, o recebe uma vez que traçou um caminho de excepcionalidade, nesse sentido não há santo mais que não querendo sê-lo. O santo não goza nem se canoniza a si mesmo.

Em Joyce o amor a si mesmo, o amor à sua imagem apresenta uma falha, a falta de imagem como sustentação de seu corpo se traduz em uma falha no narcisismo, a qual supre transformando-se em artista, de modo que se faz artesão de seu narcisismo de suplência. Entretanto, antes disso há uma tentativa de tratar os furos do seu corpo pela via da penitência e da proibição, o caminho da santidade, da norma, o do *sinthome rule*, Nome-do-Pai. Ainda assim, apesar de que não segue essa via, escolhe a via da *heresis*, a escrita se mantém em um destino de santo ofício, ele encarna o lugar de latrina dos escritores de sua geração²⁶ e com isso se salva e nos salva usando os dejetos. Será este caminho que ele prega, como o de forjar a consciência incriada de sua raça?

Em relação ao dejetos, o santo *descarida*, o santo se faz dejetos para causar desejo. Neste ponto o analista deve seguir o caminho do Santo. Joyce não se faz dejetos senão que faz arte com os dejetos da linguagem. Joyce encarna o resto da escrita, mas com isso se faz um escabelo, fazendo-se um estrado de artista com o qual se apresenta com uma renovação do narcisismo ao mundo. E com isso goza e se forja um nome.

Tradução: Flavia Machado Seidinger

Leibovitz

Revisão: Ana Beatriz Zimmermann Guimarães e
Silvina Molina

¹ LAURENT, E. (2004) *Los objetos de la pasión*. Buenos Aires: Editorial Tres Haches, p. 44.

² CHESTERTON, G. K. (2014[1933]) *Santo Tomás de Aquino*. Versión y notas de Juan Carlos de Pablos, Universidade de Granada. Londres: Hodder & Stoughton, p. 26.

³ SAN MATEO. S:13.16.

⁴ LACAN, J. (2003[1973]) "Televisão". In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p.518.

⁵ IDEM. Ibid.

⁶ MILLER, J-A. (2011) "A salvação pelos dejetos". In: *Perspectivas dos Escritos e Outros escritos de Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 227-233.

⁷ LACAN, J. (2007[1975-1976]) *O Seminário, livro 23: o sintoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p.15.

⁸ ELLMAN, R. (1991[1959]) *James Joyce*. Barcelona: Editorial Anagrama, p.44.

⁹ Santo que o impressionou porque não se deixava abraçar pela sua mãe, porque temia o contato físico com qualquer mulher.

¹⁰ Na língua inglesa significam respectivamente: sin, pecado; home, lar; rule, regra e home rule significa autogoverno, literalmente "regra do lar".

¹¹ Há uma homofonia entre rule (regra) e roule (roda, do verbo rodar).

¹² LACAN, J. (2007[1975-1976]) *O Seminário, livro 23: o sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p.16.

¹³ Disse Lacan: "Freud não tinha ideia do Simbólico, do Imaginário y do Real, mas tinha, todavia, uma desconfiança (...)" LACAN, J. (1975) *O Seminário, livro 22: RSI*. Inédito. Lição de 13 de janeiro de 1975.

¹⁴ IDEM. Ibid., lição de 11 de fevereiro de 1975.

¹⁵ NT: Por fidelidade à abordagem da questão adolescente, por parte do autor, optou-se por manter o termo da tradução castelhana, *adolescente*. Na tradução brasileira, seria *jovem*.

¹⁶ A frase de Ovídio é: "E as desconhecidas artes aplicam a sua mente e inovam a natureza".

¹⁷ JOYCE, J. (1987[1916]) *Retrato do artista quando jovem*. Rio de Janeiro: Ediouro Publicações S.A, p. 111-112.

¹⁸ Nessa citação se optou pela tradução direta da edição espanhola, já que esta reflete de maneira fiel a relação existente, no relato, da sexualidade com o castigo corporal. In: JOYCE, J. (1995[1916]) *Retrato del artista adolescente*. Barcelona: R.B.A. Editores, p. 63.

¹⁹ IDEM. (1987[1916]) *Retrato do artista quando jovem*. Op. cit., p. 113.

²⁰ IDEM. Ibid., p. 174-175.

²¹ IDEM. Ibid., p. 190.

²² IDEM. Ibid., p. 209.

²³ IDEM. *Ibid.*, p. 210-211.

²⁴ Convém ressaltar a homofonia francesa entre *symptôme* (sintoma) e *saint home* (homem santo), que, é claro, não tem "p". (N.E.) LACAN, J. (2005[1979]) "Joyce, o Sinthoma". In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 562.

²⁵ IDEM. *Ibid.*

²⁶ Tal como reflete o poema O Santo ofício. Incluído originalmente no texto *Poemas maçãs*, é um poema crítico da servidão dos escritores de seu país ao nacionalismo irlandês. O poema é uma ironia na qual se proclama a si mesmo como latrina dos escritores de sua época.